Capítulo XXVI — Necessidade dos clássicos cristãos

> **Sumário.** Resposta às objeções.

Se, no seu encadeamento lógico, as deduções que precedem são inatacáveis, estão longe, muito longe de ser completas no seu desenvolvimento. Contudo, por imperfeito que possa ser, o quadro que acabamos de esboçar parece suficiente para mostrar, a todo homem que quer ver, os efeitos desastrosos do paganismo na educação. Graças a ele, a sociedade na Europa se vê conduzida à beira de um abismo escancarado cuja profundidade ninguém saberia sondar. Aqui várias coisas vos espantam e assustam. À vista desse verme roedor que as sociedades modernas nutrem há tanto tempo no seu seio, à vista das próprias carícias que lhe prodigalizam, pergunta-se de onde pode vir tão estranha cegueira. É preciso, como o fizemos, buscar-lhe a causa nos terríveis mistérios da natureza humana.

A introdução do paganismo na educação foi uma poderosa reação da carne contra o espírito, uma desforra longamente meditada do homem velho acorrentado pelo cristianismo dominador da Europa, contra o homem novo cujo império fora cruelmente abalado durante a duração demasiado longa do grande cisma do Ocidente. Tal foi a causa fundamental da volta triunfante do paganismo ao seio das nações modernas: a forma literária e artística foi apenas um pretexto. Um fato palpável é a prova. Esse fato, pouco notado, é este: a Renascença, propagada primeiro com entusiasmo por todos os inimigos da Igreja, consiste essencialmente em duas coisas: o denegrimento universal das obras do cristianismo; a admiração igualmente universal das obras do paganismo; o desprezo profundo dos séculos que o cristianismo inspirou; o culto fanático dos séculos em que o paganismo reinou.

Ao espanto sucede a inquietação. Acabamos de assinalar o mal; é tão profundo, tão inveterado que se pergunta se resta ainda alguma chance de curá-lo. Admitindo essa chance favorável, a sociedade quererá o remédio? A resposta é, infelizmente, duvidosa. O remédio é evidentemente o emprego dos clássicos cristãos. Ora, a esse nome, ouço uma parte da sociedade letrada gritar ao absurdo, ao fanatismo, à barbárie. Apesar do progresso das ideias, há dezesseis anos, uma saraivada de sarcasmos e injúrias aguarda, da parte dos deuses Termos, tanto o remédio como o inoportuno médico que ousa propô-lo. Depois dos desprezos vêm as impossibilidades.

Na verdade, essa explosão não nos espanta; encoraja-nos, provando-nos que pusemos o dedo na chaga: o paganismo é sempre semelhante a si mesmo. Quando, sob os Césares, viu aparecer o cristianismo que se preparava para disputar-lhe o império do mundo, fazia ressoar os ecos das suas academias e dos seus anfiteatros com o grito sanguinário: Os cristãos aos leões! Senhor hoje das sociedades modernas, faz ouvir, em termos diferentes, o mesmo grito de morte contra o cristianismo que vem reivindicar o domínio da educação; pois a educação é o império, já que a educação é o homem.

Não se refutam nem as injúrias nem os sarcasmos: contenta-se em lastimar quem se os permite e esforça-se por elevar-se bastante alto para não ser atingido por eles. Mas, no séquito das ofensas, vêm as impossibilidades, e a lista é longa. Formuladas não somente pelos inimigos declarados do cristianismo, mas ainda por homens sinceramente a ele devotados, pedem um exame sério e imparcial. Ora, essas impossibilidades, reduzidas pela análise à sua mais simples expressão, limitam-se a três.

Diz-se em primeiro lugar que o remédio seria pior que o mal, visto que banir da educação os grandes modelos da antiguidade pagã seria reconduzir o mundo à barbárie literária de que a Renascença o tirou.

Diz-se em segundo lugar que o remédio é impossível, visto que o bacharelado exige o conhecimento dos autores profanos e que a maioria dos pais quererá que os filhos sejam bacharéis, para serem alguma coisa na sociedade, ao risco mesmo de não serem cristãos.

Diz-se em terceiro lugar que o remédio, ainda que aplicável, seria ineficaz, visto que com clássicos cristãos o professor sempre pode, quando quiser, fazer alunos pagãos.

Examinemos em pormenor cada uma dessas objeções.

Substituir os clássicos pagãos por clássicos cristãos seria, dizeis, um remédio pior que o mal. E contudo o mal é grande, muito grande, quase tão grande quanto pode ser, a menos que seja a morte. À nossa volta tudo é abalo, tudo é ruína: da cabeça aos pés a sociedade não é senão uma chaga. Os médicos chamados a curá-la declaram-se impotentes: muitos a julgam em agonia e esperam de um dia para outro que sucumba nas convulsões de uma luta suprema. Eis o mal; e dizeis que o remédio proposto é ainda pior! Por quê, peço-vos? Porque, afinal, respondeis, vale mais para uma sociedade perecer em meio às luzes de uma gloriosa civilização do que recair na barbárie, que é também uma morte, e para uma nação a mais vergonhosa de todas as mortes. Pois bem! banir da educação os grandes modelos da antiguidade seria infalivelmente reconduzir o mundo à barbárie de que a Renascença o tirou. Tal é, em toda a sua força, a primeira razão que se opõe ao retorno dos clássicos cristãos.

Temos a desgraça de crer exatamente o contrário: sustentamos que os clássicos cristãos não reconduzirão o mundo à barbárie, nem à barbárie literária nem à barbárie moral; sustentamos que a barbárie de que se pretende que a Renascença tirou a Europa não passa de quimera e que a restauração das letras e das artes é anterior à introdução do paganismo na educação.

É verdade, encontra-se ainda hoje uma multidão de pessoas, aliás bem-intencionadas, que repetem como axioma que os séculos anteriores à Renascença foram séculos bárbaros: bárbaros nos seus costumes, bárbaros nas suas leis, bárbaros nas suas instituições civis e políticas, ainda mais bárbaros na sua literatura e nas suas artes. Essas pessoas compreendem sem dúvida o que dizem. Quanto a mim, que não o compreendo de modo algum, peço licença para explicar palavra por palavra a sua terrível proposição.

As trevas da barbárie seguem as trevas do erro de que são produto, e as primeiras estão sempre em razão direta das segundas. As luzes da civilização, ao contrário, reinam onde reinam as luzes da verdade. A verdade é o cristianismo. Para saber se a Idade Média é a idade da barbárie, basta, pois, saber se o cristianismo era desconhecido da Idade Média; se não era de modo algum aplicado à sociedade, ou mesmo se era menos conhecido, menos aplicado do que o é hoje. Espero a vossa resposta...

Enquanto a espero, perguntar-vos-ei por que os clássicos cristãos reconduziriam a Europa à barbárie. Far-nos-iam perder, dizeis, o conhecimento da nossa língua materna, visto que não se pode saber bem nenhuma língua da Europa sem saber o latim, de que todas as nossas línguas modernas derivam. Uma multidão de homens e sobretudo de mulheres que não sabem latim acharão a vossa proposição pouco lisonjeira; de fato, é absoluta demais para ser verdadeira. Tomemo-la contudo em toda a sua extensão; mas entendamo-nos. Há duas línguas latinas, bem o sabeis; e, se for preciso, num instante vo-lo provarei. Ora, não podeis ignorar que é da língua latina cristã, e de modo algum da língua latina pagã, que saíram as nossas línguas vulgares. Tende paciência, e quanto a este ponto a vossa convicção logo estará feita.

Acrescentais que os clássicos cristãos nos reconduziriam à barbárie porque, deixando de ser conhecida a língua latina do século de Augusto e a língua grega do século de Péricles, fechar-nos-íamos o acesso a toda erudição sólida. Mais um pouco, e vereis que os clássicos cristãos não farão esquecer as línguas pagãs; ao contrário. Por ora, devo fazer-vos convir de que essas línguas não são meios de erudição tão necessários quanto pareceis crer. Quais são, dizei-me, os tesouros da ciência do direito público e privado das nações da Europa, do direito civil e do direito canônico, da teologia, da nossa história, da filosofia, da medicina, da geologia, das ciências naturais e das matemáticas, senão as obras escritas na língua latina cristã ou nas línguas modernas? Que sabereis de tudo isso quando tiverdes lido os autores do século de Augusto e de Péricles?

Insistis dizendo que os clássicos cristãos nos fariam perder o gosto do belo que devemos à Renascença. Respondo-vos que o gosto do belo nasce do conhecimento do verdadeiro. É preciso, pois, provar-me que o conhecimento do verdadeiro era menos perfeito antes da Renascença do que o foi depois. Nomeai, pois, as verdades que a Renascença nos fez melhor conhecer. Mostrai em que gênero desenvolveu o sentimento do belo. Crede-me, não retrocedamos sessenta anos. A censura de barbárie pronunciada tantas vezes contra os séculos cristãos já não é aceita por todos. Reconhece-se hoje, e prova-se, que há belo, e muito, na ordem moral, na ordem científica, na ordem social, na ordem artística, anteriormente à invasão do paganismo clássico. Há um quarto de século sobretudo, uma multidão de preconceitos seculares caíram: ainda caem cada dia.

Resta, confesso, um ponto sobre o qual os preconceitos permanecem quase inteiros: quero falar da literatura anterior à Renascença. Como esse ponto é o principal motivo, ou, melhor dizendo, o pretexto mais ordinário que se apresenta para manter o paganismo na educação, pede um exame particular.

O que se disse por muito tempo da arquitetura católica, que era o tipo do mau gosto e da barbárie; que não era mais digna de ser comparada à arquitetura grega e romana do que Lucano a Virgílio, ou Sêneca, o trágico, a Sófocles: diz-se ainda hoje da literatura dos séculos cristãos. Continua a ser objeto de um soberbo desdém; chega-se a corar de achá-la nos lábios da Igreja, e ainda não ocorre ao pensamento de certos espíritos que se possa ser tão desprovido de bom gosto a ponto de ousar pô-la em paralelo com a literatura dos séculos pagãos. Numa palavra, Fénelon, o P. Maffei, Escalígero e uma multidão de outros deixaram numerosos herdeiros da sua admiração exclusiva pela literatura pagã e da sua profunda piedade pelo cristianismo literário.[1]

Entre milhares de exemplos, escolho um só que resume perfeitamente as disposições dos espíritos. Eis o que publica, em 1850, um homem de inteligência elevada, de instrução sólida, de caráter venerável:

> *O Hinário do Breviário parisiense não se saberia admirar demais: é o idioma latino em toda a pureza do século de Augusto; é o gênero lírico em toda a sua beleza, em toda a sua pompa, em todo o seu brilho; são as figuras mais justas, mais enérgicas, mais delicadas; os movimentos da alma mais naturais, mais tocantes, mais sublimes, mais piedosos. Numa palavra, é a coisa mais digna da verdade descida do céu. A decência do culto público pedia essa reforma, tal como foi feita, sobretudo no século em que vivemos; em que importa tanto que o letrado indiferente ou ímpio, que o menino do colégio nada encontrem a desprezar na linguagem litúrgica que se lhes põe nos lábios.*

Eis bem a língua e a poesia cristãs anteriores à Renascença, tratadas como se tratava outrora a arquitetura gótica. Apesar da severidade desse juízo, ou antes, por causa dessa severidade, o respeitável autor das linhas que acabam de ser lidas nos permitirá discutir a questão e apelar para ele mesmo da sua própria sentença.

Guarda fiel de uma das nossas mais magníficas catedrais, é, sabemo-lo, o admirador esclarecido da arte católica. A esse título, olharia com justiça como ignorante e vândalo o homem que lhe viesse dizer: A substituição da arquitetura grega e romana à arquitetura gótica é uma reforma que a decência do culto público pedia; o estilo artístico do século de Augusto e de Péricles é a coisa mais digna da verdade descida do céu. Pois bem! permitir-nos-á estabelecer: 1º que a qualificação de bárbara não poderia ser aplicada à literatura cristã mais do que à arte cristã, isto é, que o letrado indiferente ou ímpio, que o menino do colégio nada tem a desprezar na linguagem litúrgica que se lhes põe nos lábios; 2º que o idioma latino não reencontrou toda a sua pureza na renascença do paganismo clássico, mas a perdeu e acabou por perder-se nela inteiramente.

Primeiro, o simples bom senso repele *a priori* a argumentação dos partidários da Renascença. Antes de qualquer discussão, obriga todo homem refletido a dizer com o ilustre bispo de Langres:

> *Ainda estávamos nos bancos do colégio e já nos perguntávamos como se podia fazer que só o espírito de mentira tivesse recebido o privilégio das graças da linguagem; e quando depois fomos encarregados nós mesmos de ensinar aos outros essa arte de bem dizer, que, considerada na sua fonte primeira, é uma maravilhosa emanação do Verbo de Deus, recusávamo-nos a crer que esse Verbo feito carne, que se dignara dar esse talento em partilha aos seus inimigos, como o faz muitas vezes com todos os outros dons da natureza, o tivesse contudo recusado a essa Igreja que adquiriu pelo seu sangue e à qual se uniu a ponto de que, segundo a espantosa expressão de são João, faz dela a sua esposa...*

> *Eis quais eram os nossos pensamentos numa época da nossa vida em que, sob o império de prevenções concebidas desde a nossa tenra idade, ainda não podíamos apreciar os tesouros literários da Igreja, que aliás mal conhecíamos.*

> *Mas, à medida que, elevando-nos acima das nossas próprias convicções, examinamos com imparcialidade calma e consciente os escritos dos nossos doutores e dos nossos pais na fé, o nosso espanto mudou de objeto. Perguntamo-nos, não mais como a Igreja de Deus não tivera as altas qualidades da linguagem tão bem quanto as igrejas de Satanás, pois tínhamos sob os olhos e nas mãos a prova manifesta do contrário; mas como acontecera que, no seio mesmo do cristianismo, se tivessem abandonado, desdenhado, desconhecido e, do lado da educação, de todo esquecido as numerosas e incontestáveis obras-primas da literatura cristã, para só estudar, admirar e, humanamente falando, adorar as obras literárias do paganismo.*

> *Certamente estas últimas têm também o seu mérito superior e, como dissemos, o talento de falar e escrever é um dom da natureza que deixa em comum a todos os filhos dos homens Aquele que «faz nascer o seu sol sobre bons e maós: e vir chuva sobre justos e injustos*

(Mt 5, 45). Mas o que não podemos admitir, e o que contudo por muito tempo se deixou crer, é que esse dom precioso seja o privilégio do erro. Sabemos, para consolação da nossa fé, e proclamamos hoje para quitação da nossa consciência, que não é assim.»[2]

Antes de qualquer exame, estamos, pois, no direito de repelir a qualificação de bárbara aplicada à literatura cristã; pois é absurdo, para não dizer mais, admitir que as graças da linguagem sejam o privilégio exclusivo do erro.

Mas vamos mais longe e estabeleçamos uma distinção fundamental, sempre esquecida pelos partidários do paganismo literário: essa distinção faz desabar todos os seus sofismas. O latim foi falado por duas sociedades inteiramente opostas na sua maneira de julgar e de sentir: a sociedade pagã e a sociedade cristã. Como há, por confissão de todos, uma filosofia pagã e uma filosofia cristã, uma arquitetura pagã e uma arquitetura cristã, uma pintura pagã e uma pintura cristã, uma escultura pagã e uma escultura cristã, uma ourivesaria pagã e uma ourivesaria cristã: do mesmo modo há uma eloquência pagã e uma eloquência cristã, uma poesia pagã e uma poesia cristã, uma língua latina pagã e uma língua latina cristã.

Essas duas línguas têm cada qual a sua perfeição relativa e os seus caracteres distintivos. Sob o pincel ou o cinzel dos grandes mestres da Grécia e da Itália, a arte pagã exprime bem, muito bem, a ideia pagã, o sentimento pagão; do mesmo modo, na boca de Cícero e de Tito Lívio, ou sob a pena de Virgílio e de Horácio, a língua latina pagã exprime bem, muito bem, a ideia pagã e o sentimento pagão. Como a sociedade de que é fiel expressão, essa língua é, sobretudo no século de Augusto, muito polida, muito elegante e muito fria; por vezes majestosa e o mais das vezes imperiosa e altiva. Falta-lhe a unção, porque a caridade falta à sociedade. Órgão exclusivo de paixões e de interesses puramente naturais, é profundamente sensualista. Toda essa ordem de ideias, de virtudes, de sentimentos, de relações, nascida do cristianismo, permanece nela sem tradução. Assim, naturalismo puro, sensualismo, egoísmo e pobreza no fundo; variedade, elegância, secura na forma; inversão e rigor na contextura: tais são os principais caracteres que a distinguem.

Expressão de uma sociedade toda diferente, a língua latina cristã oferece caracteres diametralmente opostos. Espiritualismo puro, riqueza inesgotável no fundo; simplicidade, doçura, unção, flexibilidade, clareza na forma; ordem lógica sobretudo na contextura: eis algumas das suas qualidades. Vê-se que essas duas línguas diferem tanto uma da outra quanto as duas sociedades de que são expressão.[3]

Vê-se ainda que não é nem menos impossível nem menos absurdo querer fazer da língua latina pagã o intérprete do cristianismo do que querer fazer da língua latina cristã o órgão do paganismo. Do ponto de vista da arte, é construir uma catedral gótica para honrar Júpiter, ou servir-se dos templos de Pesto para fazer procissões.

Eis por que os Padres da Igreja, homens de bom senso e de gênio, apoderando-se das palavras do idioma latino, compuseram dele uma língua latina nova, própria para exprimir perfeitamente as ideias, os sentimentos, os usos cristãos: tal como os arquitetos, os escultores, os pintores, os ourives cristãos, reconhecendo na arte pagã certos princípios e certas regras primitivas, os adotaram modificando-os sob a inspiração da fé, de modo a formar deles os elementos de uma arte exclusivamente católica. Não foi, pois, por ignorância da língua latina pagã que a língua latina cristã foi criada.

Quem ousaria dizer que ignorava a língua e a literatura pagãs, por exemplo, são Cipriano, que, antes da sua conversão, ensinou longamente em Cartago, e de maneira tão brilhante, a eloquência pagã; ou são Jerônimo, tão apaixonado por Cícero e por Plauto que foi preciso nada menos que um castigo divino para curá-lo da sua paixão; ou santo Agostinho que, antes de ser discípulo do Evangelho, o foi por tanto tempo de Cícero, de Virgílio e de Terêncio, e que professou durante longos anos a retórica mundana em Roma e em Milão? Certamente, se o tivessem querido, ninguém melhor que esses homens imortais teria escrito e falado a língua latina do século de Augusto. Se não o fizeram, não foi porque não puderam, mas porque não quiseram; e não quiseram porque compreenderam que era preciso uma língua nova para uma sociedade nova. Temos sobre isso o testemunho irrecusável do próprio santo Agostinho.[4]

Não se creia, de resto, que, repelindo, podando do idioma latino toda essa moleza, toda essa superfetação de formas, de medida e de sonoridade pagãs, os fundadores da língua latina cristã tenham negligenciado a propriedade e a escolha dos termos, a própria elegância e o número. Ao contrário, davam a tudo isso um cuidado particular, como o testemunha ainda santo Agostinho.[5] Mas essa propriedade e essa escolha das palavras, essa elegância, esse número que procuravam eram apropriados à língua latina cristã, cujo fim principal não é lisonjear os sentidos, mas exprimir clara, forte e nobremente a verdade. Como o precedente, devemos esse novo segredo do seu trabalho ao grande bispo de Hipona.[6]

Assim, as expressões e os termos são comuns a uma e outra língua; mas o cunho, o gênio, a ordem e a significação de grande número de palavras são totalmente diferentes. Essa diferença entre os dois idiomas é tão real que os mais hábeis na latinidade pagã não o são por isso na latinidade cristã; e quem em prosa se gaba de imitar Cícero, e Horácio em verso, não é por isso capaz de escrever um discurso que cheire a são Leão ou a são Gregório, nem um hino que lembre santo Ambrósio ou são Tomás. A experiência está feita. Em vão um homem se terá, por assim dizer, apropriado a maneira dos autores profanos e conhecerá perfeitamente a latinidade do século de Augusto; se não fizer um estudo aprofundado dos príncipes da latinidade cristã, achar-se-á embaraçado e até incapaz de escrever e falar convenientemente do dogma, da disciplina, numa palavra, das coisas cristãs. A sua composição poderá distinguir-se pela elegância e pela escolha das palavras, pelo número da frase; mas faltar-lhe-á precisão, gravidade, clareza; será vazia de coisas, miserável e muitas vezes ridícula.

Desde o século XVI se entrevira esse grave inconveniente. Receara-se até, ai!, e não sem fundamento, que a língua pagã introduzisse ideias pagãs e erros no cristianismo.

> *"É dos autores cristãos, dizia o célebre P. Possevino, que as crianças devem tomar emprestada não somente a sã doutrina, mas ainda a maneira de exprimi-la com conveniência e verdade. Quem quiser escrever ou raciocinar sobre as coisas cristãs unicamente com a língua do século de Augusto cometerá perniciosos erros, dará à religião uma fisionomia pagã, cairá a cada passo em inconveniências de linguagem, em vaidades de pensamento, muitas vezes até em inexatidões de crença que abrem a porta à heresia. É do que temos*

> *numerosos e tristes exemplos em Lourenço Valla e em Erasmo, chamados, não sem razão, por homens muito judiciosos, os precursores de Lutero.*[7]

Em prova do que afirmo, posso ainda citar o testemunho de um homem conhecido da Europa inteira pela sua profunda erudição e pela sua espantosa habilidade nas letras latinas. Monsenhor Laureani, guarda da biblioteca Vaticana, cujas obras em prosa e em verso latinos são o que há de mais elegante, de mais suave, de mais rico, fazia há pouco ingenuamente esta confissão:

> *"O estudo de Cícero (com quem se pode dizer que me identifiquei) de nada ou quase nada me serviu para tratar convenientemente os assuntos cristãos. No princípio, sentia-me muito embaraçado para escrever sobre as coisas religiosas. Então apliquei-me ao estudo de são Leão: achei nessa leitura assídua a verdadeira língua da Igreja, com a sua elegância, a sua forma, a sua clareza. Desde esse momento pude dissertar sem custo sobre as matérias eclesiásticas.*[8]

O douto prelado poderia ter acrescentado que haurira nessa fonte essa eloquência, esse número, essa graça inimitável de linguagem que o distinguem em tão alto grau.

De tudo isso cumpre concluir não somente que há duas línguas latinas perfeitamente distintas; mas ainda que, se se pode estabelecer uma comparação entre um autor pagão e um autor pagão, entre Cícero, por exemplo, e Quintiliano, é absurdo querer comparar um autor cristão com um autor pagão, Cícero, por exemplo, com santo Ambrósio, ou Quintiliano com santo Agostinho, os escritores do século de Augusto com os escritores do século XIII. Com efeito, uns falam a língua latina pagã, os outros a língua latina cristã. Ora, essas duas línguas diferem essencialmente pela forma, pelo número dos períodos, pela ordem da sintaxe e até pelo sentido de uma multidão de palavras.

> *"Como, exclama aqui o douto bispo já citado, concede-se sem reclamação a cada autor eminente o direito de ter a sua maneira de escrever, e não se o concede à Igreja de Deus! A frase de Tito Lívio não difere sensivelmente da de Tácito? A poesia de Horácio não tem uma fisionomia bem diferente da de Virgílio? Quem jamais pensou em taxar um de mau gosto unicamente pela comparação com o outro? E contudo não é isso o que se fez na reprovação absoluta e coletiva dos Tertulianos, dos Ciprianos, dos Lactâncios, dos Ambrósios, dos Agostinhos, dos Jerônimos, etc., depois dos Gregórios de Nazianzo, dos Basílios, dos Crisóstomos? Procurou-se nuns a frase ciceroniana e não se a achou; nos outros as formas de Demóstenes e tampouco se as achou; e só por isso concluiu-se que esses autores eram de gosto degenerado, sem perguntar se, na sua maneira especial de escrever, não encerravam belezas inteiramente puras e de ordem superior? Mas desde quando o gênero de um escritor faz lei absoluta em*

> *literatura? Dão-se a estudar ao mesmo tempo vários autores pagãos, embora de gêneros muito diversos: por quê, senão para que o gosto se forme e cada talento nascente se determine precisamente por essa comparação? Qual é, pois, o espírito de mentira que não quis que há trezentos anos se seguissem, no tocante aos escritores da santa Igreja, essas regras tão gerais e tão naturais![9]*

Tornada incontestável a existência de uma dupla língua latina, repelimos como odiosa mentira a denominação de baixa latinidade, empregada para designar o idioma da Igreja; com mais forte razão repelimos de novo e com todas as nossas forças a qualificação de bárbara aplicada à língua latina cristã. Elaborada pelos mais belos gênios do Ocidente, essa língua fala igualmente bem em prosa e em verso. A poesia latina cristã tem por criadores e modelos, além de santo Ambrósio e santo Agostinho, são Gregório, são Fulgêncio, Inocêncio III, são Boaventura e são Tomás. Quanto à prosa, recebeu toda a sua perfeição de são Leão e sobretudo de são Gregório. Foi admiravelmente falada pelos concílios e pelos maiores homens da Idade Média e além, como são Euquério, são Máximo, Vicente de Lérins, são Pedro Crisólogo, são Próspero, são Fulgêncio, Boécio, Cassiodoro, santo Isidoro, santo Ildefonso, Beda, Rábano, Haymon, são Bernardino de Siena, santo Antônio de Pádua, são Pedro Damião, santo Anselmo, são Bruno, são Bernardo, Hugo e Ricardo de São Vítor, Pedro de Blois, Alberto Magno, são Boaventura, são Tomás, e uma multidão de outros a quem nem a antiguidade nem os tempos modernos nada têm a comparar. Continua a falar-se e escrever-se com grande perfeição nas congregações romanas e nos atos oficiais da Santa Sé.

Tal é a língua que se ousa chamar bárbara! como se todos esses homens imortais, como se todos esses séculos cristãos que souberam revestir o seu pensamento de formas artísticas tão admiráveis tivessem sido feridos de idiotismo e de impotência quando se tratava de exprimi-lo pela palavra! Não basta afirmar, mostrai-nos a existência de semelhante contradição. Mostrai-nos os títulos científicos e literários que vos autorizam a lançar o insulto na fronte da Igreja católica. Sem isso, quando vos permitis qualificar de bárbaro o latim do Evangelho, de são Tomás, de são Bernardo, que talvez jamais tenhais lido; de Tomás de Kempis e de tantos outros, cujo estilo oferece qualidades admiráveis e quase divinas, provais que sois vós mesmos ignorantes e bárbaros, semelhantes aos que há pouco tratavam de góticas e bárbaras as nossas obras-primas de arquitetura, cuja inimitável perfeição já não é contestada por nenhum homem de gosto.

Examinando a questão intrinsecamente e abstraindo dos testemunhos externos, estamos ainda muito melhor fundados para repelir as qualificações desdenhosas de que é objeto a língua latina da Igreja. Trata-se de saber, não se essa língua é a língua do século de Augusto, mas se é menos perfeita; em outros termos, se a língua latina cristã exprime as ideias, os sentimentos, as coisas do cristianismo menos perfeitamente do que a língua latina pagã exprimia as ideias, os sentimentos, as coisas do paganismo. Se, na boca de são Leão, por exemplo, de são Gregório, de são Bernardo, de são Tomás, o sobrenaturalismo é menos eloquente, menos nobre, menos abundante, menos sublime, menos simples, menos claro, menos variado do que o é o naturalismo na boca de Tito Lívio, de Quinto Cúrcio ou de Cícero. Quem pode vir, provas na mão, responder afirmativamente? Eis quanto à perfeição relativa de um e outro idioma.

Quanto à sua perfeição absoluta, quereis saber a que vos ater? Lembrai-vos de que o belo é o esplendor do verdadeiro; que o esplendor ou irradiação do verdadeiro se manifesta na arte e na palavra; que quanto mais verdade possui um povo, uma sociedade, mais belos são o seu estilo, a sua arte, a sua língua. Posto isso, basta-vos, para decidir qual das duas línguas é superior à outra, responder à seguinte pergunta: o cristianismo possui mais verdade que o paganismo?

Notas

[1] Na sua *Lettre sur l'éloquence*, Fénelon, o excelente Fénelon, não receia dizer que, no seu tempo, a Europa apenas saía da barbárie, p. 399. Sabe-se que a sua *Carta sobre a eloquência* é um panegírico pomposo da eloquência, da poesia, da tragédia, da comédia, da epopeia pagãs, apresentadas como tipo exclusivo do belo.

[2] Carta aos Srs. superior e professores do seu seminário menor.

[3] *Latina christianæ Ecclesiæ lingua a lingua latina ethnicorum, quam classicam vocant, toto cœlo discrepat. Latinitas enim ethnica, transposititius ille sermo est, totusque in verborum sono, elegantia atque delectu positus, quem Augusti Cæsaris seculo potissimum romani scriptores adhibuerunt. Latinitas christiana vero, est sermo ille, ordine, claritate et rerum præcipue sententiarumque gravitate longe præstantissimus, quem Ecclesiæ latinæ Patres, data opera, confinxerunt, ut eo christianæ religionis mysteria, dogmata, leges, ritus commode atque perlucide enuntiari et exponi possunt.* [A língua latina da Igreja cristã difere por todo o céu da língua latina dos pagãos, a que chamam clássica. A latinidade pagã, com efeito, é aquele sermão transposto, todo ele posto na sonoridade, na elegância e na escolha das palavras, que sobretudo no século de Augusto César empregaram os escritores romanos. A latinidade cristã, porém, é aquele sermão de longe excelentíssimo pela ordem, pela clareza e sobretudo pela gravidade das coisas e das sentenças, que os Padres da Igreja latina, de propósito, forjaram para que nele se pudessem enunciar e expor cômoda e claramente os mistérios, os dogmas, as leis e os ritos da religião cristã.] *De oper. SS. Eccl. PP. in litterar. instit. adhib.*, p. 49.

[4] *In populo gravi, de quo dictum est Deo: In populo gravi laudabo te, ps. 34, nec illa suavitas delectabilis est, qua non quidem iniqua dicuntur, sed exigua et fragilia bona spumeo verborum ambitu ornantur, quali nec magna atque stabilia decenter et graviter ornarentur. Est tale aliquid in epistola beatissimi Cypriani, quod ideo puto vel accidisse, vel consulto factum esse, ut sciretur a posteris quam linguam doctrinæ christianæ sanitas ab ista redundantia revocaverit, et ad eloquentiam graviorem modestioremque restrinxerit; qualis in ejus consequentibus litteris secure amatur, religiose appetitur, sed difficillime impletur. Ait ergo quodam loco: «Petamus hanc sedem: dant secessum vicina secreta; ubi dum erratici palmitum lapsus pendulis nexibus per arundines bajulas repunt, viteam porticum frondea tecta fecerunt.» Epist. 1 ad Donat. Non dicuntur ista nisi mirabiliter affluentissima fecunditate facundiæ, sed profusione nimia gravitati displicent. Qui vero hæc amant (profani rhetores), profecto eos qui non ita dicunt, sed castigatius eloquuntur (Ecclesiæ Patres et doctores), non posse ita eloqui existimant, non judicio ista devitare. Quapropter iste vir sanctus et posse se ostendit sic dicere, quia dixit alicubi; et nolle, quoniam postmodum, nusquam.* [Num povo grave, do qual se disse a Deus: «num povo grave te louvarei» (Sl 34), não é deleitável aquela suavidade pela qual não se dizem coisas iníquas, mas bens exíguos e frágeis são ornados

com uma espumosa roda de palavras, com que nem as coisas grandes e estáveis seriam ornadas com decência e gravidade. Há algo assim numa epístola do beatíssimo Cipriano, que por isso julgo ter acontecido, ou ter sido feito de propósito, para que os pósteros soubessem a que língua a sanidade da doutrina cristã chamou de volta dessa redundância e a que eloquência mais grave e mais modesta a restringiu; a qual, nas cartas seguintes dele, é amada com segurança, procurada religiosamente, mas dificilmente alcançada. Diz, pois, em certo lugar: «Busquemos este assento: as vizinhas solidões oferecem retiro; onde, enquanto os errantes sarmentos das videiras rastejam em laços pendentes por canas que os carregam, as frondosas coberturas fizeram um pórtico de vinha.» Tais coisas só se dizem com uma admirável e abundantíssima fecundidade de facúndia, mas, pela profusão excessiva, desagradam à gravidade. Os que as amam (os retóricos profanos) pensam, sem dúvida, que os que não falam assim, mas se exprimem com mais sobriedade (os Padres e doutores da Igreja), não podem falar assim, e não que evitam isso por juízo. Por isso esse santo varão mostrou tanto que podia falar assim, porque o disse em algum lugar, como que não queria, porque depois nunca mais.] S. Agostinho, *opp.* t. III, parte I, p. 429, *De doctr. christ.*, liv. IV, cap. 14, n. 31, ed. de Paris.

[5] *Ego autem in meo eloquio, quantum modeste fieri arbitror, non prætermitto istos numeros clausularum.* [Eu, porém, na minha eloquência, quanto julgo que se pode fazer com modéstia, não omito esses números das cláusulas.] *Ib.*, cap. XX, n. 44.

[6] *In ipso etiam sermone malit (doctor christianus) rebus placere, quam verbis; nec æstimet dici melius, nisi quod dicitur verius; nec doctor verbis serviat, sed verba doctori. Hoc est enim quod apostolus ait: Non in sapientia verbi, ut non evacuetur crux Christi. I Cor., 1. Ad hoc valet etiam quod ait ad Timotheum: Noli verbis contendere. II Tim., 2. Neque enim hoc ideo dictum est, ut adversariis oppugnantibus veritatem, nihil nos pro veritate dicamus. Nam ubi erit quod, cum ostenderet, qualis esse episcopus debeat, ait, inter cætera: Ut potens sit in doctrina sana qui contradicunt arguere? Ib. Verbis enim contendere est, non curare quomodo error veritate vincatur; sed quomodo tua dictio dictioni præferatur alterius. Porro qui non verbis contendit, sive temperate, sive granditer dicat; id agit verbis ut veritas pateat, veritas placeat, veritas moveat. Sicut autem, cujus pulchrum corpus, et deformis esset animus, magis dolendus est, quam si deforme haberet et corpus; ita qui eloquenter quæ falsa sunt dicunt, magis miserandi sunt, quam si talia deformiter dicerent.* [Também no próprio discurso, prefira o doutor cristão agradar pelas coisas a agradar pelas palavras; e não julgue que se diz melhor senão o que se diz com mais verdade; e não sirva o doutor às palavras, mas as palavras ao doutor. Pois é isto o que diz o apóstolo: «não em sabedoria de palavras, para que não seja feita vã a cruz de Christo» (1 Cor 1, 17). A isto vale também o que diz a Timóteo: «Foge de contendas de palavras» (2 Tim 2, 14). Nem isso foi dito para que, quando os adversários combatem a verdade, nada digamos nós pela verdade. Pois onde estará aquilo que, ao mostrar qual deve ser o bispo, diz entre outras coisas: «para que possa exhortar conforme a sã doutrina, e convencer aos que o contradizem» (Tt 1, 9)? Pois contender com palavras é não cuidar de como o erro seja vencido pela verdade, mas de como a tua dicção seja preferida à de outro. Quem, ao contrário, não contende com palavras, fale com moderação ou com elevação, faz com as palavras que a verdade se patenteie, a verdade agrade, a verdade mova. Assim como aquele cujo corpo fosse belo e deformado o ânimo é mais de lamentar do que se tivesse também o corpo deformado, assim os que dizem eloquentemente coisas falsas são mais dignos de compaixão do que se as dissessem sem elegância.] *Ib.*, cap. XXVI, n. 61.

[7] *Chi vuole o scrivere o ragionare delle cose cristiane con Cicerone solo, o con altri etnici incorre in perniciosissimi errori, fa somigliante la religione nostra a quella degli etnici... trabocca in infiniti inconvenienti d'improprietà nella lingua, di vanità nei concetti, e non di rado nel credere in cose che aprono la porta all'eresia, siccome più d'una volta caddero Lorenzo Valla ed Erasmo, i quali non senza cagione da persone di senno e di dottrina furon chiamati precursori di Lutero.* [Quem quer escrever ou raciocinar sobre as coisas cristãs só com Cícero, ou com outros pagãos, incorre em perniciosíssimos erros, faz a nossa religião semelhante à dos pagãos... cai em infinitas inconveniências de impropriedade na língua, de vaidade nos conceitos e, não raro, em crer em coisas que abrem a porta à heresia, como mais de uma vez caíram Lourenço Valla e Erasmo, que não sem causa foram chamados por pessoas de siso e doutrina precursores de Lutero.] *Ragion.*, p. 40.

[8] *De oper. SS. Eccl. Patr. in litterar.*, etc., p. 52.

[9] Carta ao superior do seu seminário menor.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:52 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:52 by Admin